

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
CURSO DE BACHARELADO EM CINEMA

**Cláudio Felippio Júnior**

*Memorial do documentário “Mundo Ilha do Campeche”*

Florianópolis, agosto de 2020.

*Memorial do documentário “Mundo Ilha do Campeche”*

Memorial apresentado junto ao documentário “**Mundo Ilha do Campeche**” no Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Federal de Santa Catarina, para obtenção de grau no curso de Bacharelado em Cinema.

**Professor Orientador:** Patrícia Iuva.

Florianópolis, agosto de 2020.

**Sinopse:** A Ilha do Campeche é um patrimônio paisagístico e arqueológico tombado pelo IPHAN. Conhecida por suas águas cristalinas, é também um dos principais destinos turísticos do Estado de Santa Catarina. Assim sendo, o documentário apresenta os agentes que atuam diariamente na manutenção do valor ambiental e cultural presentes no patrimônio Ilha do Campeche.

- O documentário pode ser assistido em: [https://youtu.be/sqM49YL\\_XL0](https://youtu.be/sqM49YL_XL0)

### **Equipe**

Cláudio Felippio Júnior....Roteiro, Produção, Produção Executiva, Direção e Montagem  
Ligia Mota.....Produção  
Julia Amaro.....Assistente de Montagem  
Mariela Ramos.....Assistente de Montagem  
Daiane Mayer.....Direção de Fotografia  
Rafaella Whitaker.....Direção de Fotografia e trailers  
Amanda Moura.....Assistente de Fotografia  
Carmina Renones.....Operador de Drone  
Pedro Garutti.....Colaboração de Roteiro  
Ítalo Coelho Zaccaron.....Captação de Som, Edição e Mixagem de Som  
Felipe Kayser.....Assistente de Captação de Som  
Rafael Sardá..... Trilha Sonora Original  
Vanessa Riephoff Luppi.....Animação  
Luan Mateus Vick.....Animação  
Maria de Oliveira.....Colorização  
Hillary da Silva.....Projeto Gráfico do Pôster  
Ítalo Mongconnan.....Distribuição  
Ananda Torres.....Trailer  
Patrícia Iuva.....Orientação  
Alfredo Manevy.....Orientação

## **Introdução**

O presente memorial consiste na fundamentação escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso - o documentário *Mundo Ilha do Campeche*. Esse filme não é apenas um objeto para minha conclusão no Curso de Cinema. Ele carrega em seu cerne uma relação mais profunda que decidi travar entre o ato da realização fílmica e minhas preocupações acerca do mundo em que vivemos. Aqui relato minhas inspirações e a experiência que tive na realização deste documentário, justifico minhas escolhas estéticas e também exponho reflexões que tive durante o desenvolvimento do projeto.

O documentário *Mundo Ilha do Campeche* é resultado da minha experiência como monitor da Ilha do Campeche, que desenvolvi durante os três últimos anos do curso de cinema. Essa vivência contribuiu para a minha formação humana e me ajudou a construir uma visão de mundo que visa o cuidado com o meio ambiente e a preservação cultural no nosso país. Essa visão já vinha sendo formada desde 2016, quando participei do Festival Internacional de Cinema Socioambiental Planeta.Doc, onde tive a oportunidade de assistir muitos documentários que abordavam temáticas sociais e ambientais.

A vontade de realizar este trabalho de conclusão surgiu de um sentimento de revolta com o momento sociopolítico que estamos vivendo e serve, até certo ponto, como um manifesto contra o desmonte que as instituições de promoção e proteção à cultura e ao meio ambiente estão sofrendo em nosso país. Ao longo de meus anos de curso vivenciei não apenas o cinema, mas outras experiências que me ajudaram na construção deste filme, que tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre a importância do patrimônio cultural e ambiental do nosso país. Estar finalizando a graduação dessa maneira é essencial para reconhecer e valorizar o trajeto que percorri nos meus anos de faculdade.

## **Antecedentes e Referências**

Meu interesse pela temática socioambiental começou em 2016, quando participei pela primeira vez do Festival Internacional de Cinema Socioambiental Planeta.Doc. Fui contratado para desempenhar a função de monitor técnico, que consistia em levar os filmes até a sala de exibição e projetá-los para o público. O catálogo era composto, em sua maioria por documentários. Durante três edições do festival (de 2016 a 2018), eu tive a oportunidade de assistir vários filmes que tratavam de temas como a poluição dos oceanos, alimentos geneticamente modificados, impactos do excesso de veículos nas ruas, injustiças com populações ribeirinhas, entre outros.

Até então, admito que minha consciência ambiental não passava do básico: eu sabia que não deveria gastar muita água e que deveria separar o lixo. No entanto, fui exposto a uma variedade tão grande de informações sobre os impactos das nossas ações ao meio ambiente, que foi inevitável o despertar do meu interesse, bem como certo estímulo a transformar a forma como eu consumia e me relacionava com a natureza.

Entre os filmes que assisti, os que mais me impactaram e serviram de referência para o presente documentário, são: *GMO OMG* (Jeremy Seifert, 2013), *Bikes vs Carros* (Fredrik Gertten, 2015), *The Discarded: A Tale of Two Rios* (Annie Costner e Carla Dauden, 2016), *Vida Como Risoma* (Lisi Kieling, 2016) e *Pantanal: a boa inocência de nossas origens* (Izabella Faya e Eduardo Nunes, 2017).

Durante esse período, inspirado pelos novos estudos e descobertas, resolvi me candidatar a uma vaga de monitor da Ilha do Campeche. Eu já havia visitado a ilha e sabia do trabalho de conservação que era feito lá. Para ser monitor, era necessário fazer um curso de formação promovido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), com carga horária de 100h. Durante as aulas do curso, tive a oportunidade de aprender sobre diversos assuntos que faziam parte do cotidiano da ilha, como por exemplo, leis ambientais, oceanografia, história regional, biologia, geologia, arqueologia, turismo cultural, entre outros.

A ilha é um ambiente frágil que precisa ser protegido. Seu uso deve ser realizado de forma responsável para que não ocorram impactos ambientais ao patrimônio. Por isso, sendo monitor, meu papel era supervisionar as atividades turísticas na praia e fazer trilhas guiadas, exercendo um papel tanto de educador ambiental quanto patrimonial.

## **Por que um documentário?**

Quando fui aprovado no Curso de Formação de Monitores e comecei a trabalhar na ilha, fui surpreendido pela realidade daquele lugar. O curso havia apresentado um local onde os órgãos ambientais (IPHAN, Capitania dos Portos, Ministério Público Federal, FATMA e Marinha do Brasil) supostamente trabalhavam em conjunto para garantir a proteção da ilha. No cotidiano, entretanto, a história era outra. Eu percebia que muitas determinações oficiais não eram respeitadas, o número limite de visitantes era frequentemente excedido e os agentes da ilha não conseguiam se entender para tomar decisões efetivas que solucionassem os problemas. Inquieto com a situação, resolvi produzir este documentário. Aqui acho válido ressaltar que, segundo Bill Nichols (2001, p. 116)

O documentário (...) surgiu como o desejo de cineastas e escritores, como eu, de compreender como as coisas chegaram ao ponto em que estão hoje. Mas, para aqueles que vieram antes, bem antes, de nós, o ponto em que as coisas estão hoje era mera especulação.

Por isso, decidi dar voz a todos os agentes históricos da ilha, além do IPHAN, para descobrir como se iniciou o turismo na ilha e entender melhor o processo de tombamento do patrimônio.

No relato narrativo de histórias, o estilo (...) associa-se à construção da trama para contar uma história que revela, nessa combinação única de estilo e trama, a voz ou a perspectiva dos cineastas sobre o mundo que criam e, indiretamente, por intermédio desse mundo imaginado, sobre o mundo histórico que compartilham com os outros. (Nichols, 2001)

Desde o início, o documentário me pareceu a melhor forma de dar voz a realidade da ilha, abordando os agentes históricos e ouvindo seus pontos de vista. Não podemos esquecer que os pescadores da Armação do Pântano do Sul, muitos deles descendentes diretos dos caçadores de baleias e representantes da pesca artesanal no sul da Ilha de Santa Catarina, são um componente valioso do patrimônio cultural presente na Ilha do Campeche. Por isso, apresentá-los diretamente e dar-lhes voz se mostrou essencial para a construção da narrativa.

### **1. O tipo de documentário**

Para argumentar sobre os tipos de documentário, usarei os argumentos presentes na obra de Bill Nichols (2001).

Segundo o autor, podemos identificar seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário propriamente dito: “poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. Esses modos estabelecem convenções que um determinado filme pode adotar e propiciam expectativas específicas que os espectadores esperam ver satisfeitas.” (p. 135)

É importante salientar que um filme não precisa ser identificado apenas com um ou outro modo, mas é possível que existam combinações entre os modos na configuração de um documentário. Ou seja, um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas, por exemplo. As características de um dado modo dão estrutura ao filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. (p. 136)

Diante disso, de modo geral, o documentário Mundo Ilha do Campeche pode ser caracterizado como um documentário participativo. Por ter trabalhado lá durante 3 temporadas, eu conhecia todos os agentes e sabia como era a dinâmica de visitação e monitoramento da ilha. Assim, pude estabelecer uma relação mais íntima com os entrevistados e com os problemas cotidianos do patrimônio. De acordo com Nichols, no modo participativo, os documentaristas vão a campo, vivem entre os personagens e falam de sua experiência ou representam o que experimentaram. (p. 153)

O autor explica que quando assistimos a documentários participativos, esperamos testemunhar o mundo histórico da maneira pela qual ele é representado por alguém que nele se engaja ativamente.

O cineasta despe o manto do comentário em *voz-over*, afasta-se da meditação poética, desce do lugar onde pousou a mosquinha da parede e torna-se um ator social (quase) como qualquer outro. (Quase como qualquer outro porque o cineasta guarda para si a câmera e, com ela, um certo nível de poder e controle potenciais sobre os acontecimentos). A ideia é enfatizar que essa é a verdade de um encontro e não a verdade absoluta ou não manipulada. (NICHOLS, 2001, p. 154-155)

Em documentários participativos, a voz do cineasta pode emergir como uma perspectiva sobre o tema do filme. Ele pode servir como pesquisador ou repórter investigativo. Mas há situações em que a voz do cineasta surge do envolvimento direto, pessoal, nos acontecimentos, enquanto eles ocorrem. Mas para Nichols (2001, p. 159)

Entretanto, nem todos os documentários desse tipo enfatizam a experiência ativa e aberta do cineasta ou a interação de cineasta e participantes do filme. O cineasta pode querer apresentar uma perspectiva mais ampla, frequentemente histórica em sua natureza. A forma mais comum de fazer isso é por meio da entrevista, que permite que o cineasta se dirija formalmente às pessoas que

aparecem no filme em vez de dirigir-se ao público por comentário com *voz-over*. No documentário participativo, a entrevista representa umas das formas mais comuns de encontro entre cineasta e tema.

As entrevistas representam encontros sociais, no entanto, distintos, uma vez que são mediadas por todo um aparato cinematográfico e/ou audiovisual. As entrevistas são utilizadas e combinadas através da montagem. Dessa forma, a voz do cineasta emerge da tecedura das vozes participantes e do material que trazem para sustentar o que dizem. (Nichols, 2001, p. 160)

Segundo Bill Nichols (2001), há dois componentes no modo participativo: de um lado, cineastas que buscam representar seu próprio encontro direto com o mundo que os cerca; e, de outro, aqueles que buscam representar questões sociais abrangentes e perspectivas históricas com entrevistas e imagens de arquivo. Essas características fazem o modo participativo do cinema documentário ter um apelo muito amplo, pois pode ir de questões íntimas e pessoais, até mesmo à aspectos históricos.

Com relação ao documentário Mundo Ilha do Campeche, além de trabalhar na perspectiva do modo participativo, também utiliza elementos característicos do modo expositivo. Isso ocorre nos momentos em que vemos informações escritas na tela, comunicando ao espectador algum conteúdo histórico, científico ou burocrático. Segundo Nichols (2001, p.142): “O modo expositivo dirige-se ao expectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõe um argumento ou recontam a história”. Assim, é possível dizer que o presente documentário busca referências tanto no modo participativo, quanto no modo expositivo.

## **Desenvolvimento**

O filme começou a ser colocado do papel em fevereiro de 2019, durante minha segunda temporada trabalhando na Ilha do Campeche. No período de um mês, estudei as possibilidades de narrativas que poderiam sintetizar a minha visão sobre o que vivenciei na ilha. Eu sabia que queria retratar a preservação do meio ambiente, já que esse foi o principal motivo pelo qual eu quis ser monitor da ilha. Além disso, queria falar da relação entre os agentes, já que esse assunto sempre me causou estranhamento e curiosidade. Uma forma interessante de retratar isso seria falando sobre o tema central do conflito: o tombamento da ilha. Assim, comecei a escrever uma narrativa que contasse o histórico do turismo, o motivo do tombamento na Ilha do Campeche, assim como as ameaças à proteção do patrimônio.

Após escrever o projeto, apresentei-o ao Instituto Ilha do Campeche para ver se eles concordavam com a ideia de realizar um filme sobre a ilha. Eles demonstraram ânimo e assim, encaminhei um pedido de autorização ao IPHAN para que eu pudesse filmar na ilha. Eles também não apresentaram objeções. Assim, a produção começou às pressas. Com a ajuda do Instituto Ilha do Campeche, consegui me comunicar com a comunidade de uma forma mais amigável e eles acolheram a ideia do filme. O Instituto também me ajudou a negociar com os pescadores o transporte para a equipe. Esse era o único modo possível de viabilizar as filmagens, já que o transporte de barco custava 120 reais por pessoa. Tendo negociado o transporte, eu precisava correr, pois os pescadores só cederiam vagas na embarcação durante a alta temporada, que duraria até o final de abril. Assim, eu tinha apenas um mês para filmar o que eu precisasse dentro da ilha.

Paralelamente à pré-produção junto à comunidade, comecei a providenciar as filmagens com o apoio do Laboratório de Cinematografia do Curso de Cinema da UFSC. O técnico Guel Varalla foi uma pessoa muito importante durante todo o processo, em especial no início. Ele foi uma das pessoas que mais me incentivou a realizar essa ideia. Ele também me ajudou com a reserva de equipamentos e me sugeriu pessoas comprometidas para formar a equipe de filmagem. Assim, encontrei pessoas empolgadas com a temática do documentário e disponíveis para iniciarmos as filmagens na última semana de março.

Não posso reclamar, pois o mês de abril foi majoritariamente ensolarado. Assim, no prazo de um mês conseguimos realizar todas as diárias na ilha. A reserva e utilização dos equipamentos também fluiu, pois éramos a única equipe fazendo o TCC no início do semestre. Entretanto, as dificuldades começaram na etapa das entrevistas. Como eu tinha pensado numa estética em que os entrevistados estivessem conectados ao meio ambiente durante todo o filme, as filmagens teriam que ser externas. No entanto, no mês de maio, as condições meteorológicas começaram a ficar imprevisíveis: tínhamos entrado na temporada de chuvas. Isso atrasou bastante o processo, pois dificultou a antecedência de três dias exigida pelo Laboratório de Cinematografia para a reserva de equipamentos. Além disso, ficou difícil coincidir o tempo estável com a disponibilidade da equipe em meio às aulas e trabalhos da universidade e a disponibilidade dos entrevistados. Por isso, a filmagem de 15 entrevistados durou até o início de setembro, já que não conseguimos filmar nas férias de inverno.

A partir de setembro, começou o processo de pós produção. O processo inicial da montagem foi turbulento, pois tivemos que lidar com as paralisações pela educação no mês de outubro. Em meio a imprevisibilidades, excesso de material e durante um semestre encurtado por greve estudantil – o que gerou mais trabalhos em menos tempo para os colegas, a equipe de montagem não conseguiu se consolidar e esse processo durou, praticamente, até o final de abril de 2020.

No final de março, entramos em quarentena devido à pandemia do COVID-19. Foi um momento em que todas as atividades da universidade foram paralisadas e começamos a trabalhar de casa. A vida de todos foi abalada; repentinamente não podíamos mais sair de casa e o futuro se tornou incerto. Durante esse processo, tivemos que zelar pela nossa saúde mental, seja por medo do futuro, pela convivência excessiva dentro da mesma casa ou pela solidão dos que viviam sozinhos. Durante esse processo, eu estava finalizando a montagem. Isso me ajudou a seguir, pois eu estava bastante focado. Mas o desafio veio em seguida. Como lidar com a saúde mental da equipe? Como pedir que eles me ajudassem enquanto o mundo que conhecíamos estava virando de cabeça para baixo?

Por sorte, já tínhamos combinado sobre a pós produção no semestre anterior. Assim, cuidadosamente reestabeci o contato com a equipe, sem muitas exigências de prazos. Não queria pressioná-los ou deixá-los mais ansiosos. Por isso, a finalização começou aos poucos. Acabou demorando um pouco mais do que o esperado, mas ao longo de quatro meses, conseguimos realizar as animações, a trilha sonora, a edição de som e a colorização. Quero deixar registrado aqui que sou muito grato a essa equipe em especial, pois só foi possível continuarmos um filme sem orçamento durante a pandemia por conta de um forte comprometimento e pelo amor à arte de todos os envolvidos. Na primeira semana de agosto, coincidentemente, todas essas atividades terminaram ao mesmo tempo. Em seguida, o filme foi encaminhado para a mixagem sonora e na terceira semana de agosto de 2020, o filme estava finalizado.

A produção do documentário Mundo Ilha do Campeche durou um ano e seis meses.

## **1. Pré-produção**

### **1.1 Roteiro**

Em conversa com meu primeiro orientador, Alfredo Manevy, fui orientado a escrever um roteiro caso eu quisesse obter o resultado que eu imaginava. Inicialmente, havia escrito um projeto desenvolvendo a ideia geral do filme (anexo 1). No entanto, para conseguir os depoimentos e imagens desejados, era necessário um roteiro (anexo 2).

A parceria com os pescadores para transportar a equipe sem custos terminaria no final da alta temporada; por isso, não pude esperar escrever o roteiro para começar a filmar. Foi um momento conturbado, pois eu estava produzindo, dirigindo e escrevendo o roteiro concomitantemente. Em decorrência disso, as gravações começaram sem que o filme tivesse um formato/estilo definido e sem estabelecer um limite de quanto cada assunto seria aprofundado.

O roteiro ficou pronto um mês e meio depois que as filmagens haviam começado, ou seja, depois que todas as imagens de cobertura (roll-b) haviam sido gravadas. Eu estava inseguro para finalizar o roteiro, por isso, contei com a ajuda de um assistente para estruturar os temas em uma ordem lógica. Nessa etapa, eu ainda não sabia qual seria o estilo de documentário, tanto que o primeiro tratamento do roteiro continha uma ideia de narração, que depois foi descartada na montagem. A ideia era adicionar as minhas experiências como monitor da ilha por meio da narração, mas para que isso acontecesse de forma eficiente, eu precisaria ter planejado isso desde o início das filmagens. Assim, eu poderia aparecer em mais imagens e estabelecer uma relação mais íntima com a câmera. Como isso não ocorreu, acabei descartando a ideia durante a limpeza do material. Dessa forma, o modo participativo, sem a minha presença em cena, mostrou-se modo mais eficiente de contar a história e montar o material que tínhamos em mãos.

## **1.2 Produção executiva**

A produção executiva do documentário durou do início ao fim do processo de produção. As iniciativas para arrecadar fundos terminaram apenas em março de 2020, com o início da pandemia do Covid-19.

Eu chamei uma amiga de fora do curso para fazer a produção executiva. No entanto, logo percebi que ela não estava preparada para encabeçar essa função. Encontrar interessados em fazer produção executiva no curso de cinema da UFSC também não é uma tarefa fácil. Por isso, como eu estava muito atarefado com a produção, direção e escrita do roteiro, nesse primeiro momento, a produção executiva acabou ficando de lado. Uma equipe de produção executiva nunca chegou a ser formada.

No início, eu imaginava estabelecer parcerias com outros cursos da UFSC, como Oceanografia, Biologia, Engenharia Ambiental e Geografia, para obter apoio institucional. Fiz uma lista de empresas do sul da ilha que fossem ligadas a cultura, ao meio ambiente ou ao turismo para irmos atrás de apoio financeiro. No entanto, sem uma equipe dedicada a isso, não consegui realizar as visitas. Dessa forma, eu acabei fazendo apenas o que era mais urgente, como comprar alimentos e equipamentos, além de estabelecer parcerias com as pessoas que eu já conhecia na ilha para garantir o transporte e a alimentação da equipe. Essas funções acabaram ficando sobre minha responsabilidade, pois eu era a pessoa que tinha o contato das pessoas da ilha, que conhecia as autoridades, eu sabia o jeito de falar com eles para conseguir apoios e permissões necessárias para as filmagens.

Após esse início conturbado e com as filmagens já finalizadas, decidi realizar uma campanha de financiamento coletivo para o filme. Já era outubro quando ela foi ao ar e contei com a ajuda da produtora para elaborar o projeto na plataforma. A meta era arrecadar 13 mil reais para pagar alguns custos de produção e financiar a finalização do documentário. O projeto ficou três meses no ar. Porém, sem focar na divulgação, sem estabelecer parcerias com figuras públicas desde o início e divulgar massivamente para os meus contatos o projeto acabou ficando esquecido. Eu tinha a ilusão de que ele se espalharia por meio do apoio das pessoas que acreditassem no projeto. No entanto, não foi isso que aconteceu e a campanha arrecadou apenas 25% do que pedíamos. Eu só fui atrás de contatos com figuras públicas (divulgação com vereadores e com a Rádio Campeche, por exemplo) e focar na divulgação no último mês da campanha. Apesar de não conseguir arrecadar o esperado, aprendi as ações que devo tomar desde o início numa próxima campanha de financiamento coletivo.

Uma segunda tentativa foi estabelecer uma parceria com a Dália Distribuidora para criar um plano de captação de recursos. Nessa mesma época, o filme foi selecionado para integrar o Fórum Audiovisual de Natureza, um evento que promovia um pitching com canais de televisão, como o Canal Off e o Love Nature. Apesar de o filme não se adequar a proposta de nenhum dos canais, já que ele tem uma intenção mais política, o projeto foi elogiado pelos programadores. Foi uma ótima experiência para conhecer documentaristas da área ambiental e para ter a experiência de participar de um pitching. Além disso, a proposta era de que os canais patrocinassem a produção para que estas entrassem na sua grade de programação, mas nesse momento o filme já estava todo gravado. Os meninos

da Dália ajudaram a criar a apresentação de slides para esse evento, no entanto, nossa parceria acabou antes mesmo de começar, por questões de agenda e demanda.

Uma terceira tentativa de produção executiva, visando arrecadar fundos para a finalização e distribuição do filme foi a Lei de Incentivo Municipal. Foi minha primeira experiência inscrevendo um projeto para edital. Na primeira tentativa, ele foi rejeitado, pois faltaram alguns documentos e algumas particularidades do orçamento não estavam de acordo com as regras do edital. No entanto, em um segundo momento, reorganizei os documentos, refiz o orçamento e o projeto foi aprovado. Após uma semana da aprovação do projeto, entramos em isolamento social por conta da pandemia do Coronavírus, o que impediu que eu realizasse a captação de recursos.

Por fim, inscrevi o projeto numa bolsa estadunidense chamada Filmmakers Without Borders, que premiava cineastas com quantias que variavam de 250 a 2.500 dólares. Me engajei para providenciar todos os documentos necessários para a bolsa, escrevi textos em inglês defendendo o projeto e fiz um vídeo de apresentação com legendas em inglês. No entanto, o documentário não foi contemplado pela bolsa. Apesar disso, foi um bom aprendizado de foco na produção dos documentos necessários e mesmo não tendo vencido o prêmio, valeu a experiência. O foco em criar um projeto para submissão da Filmmakers Without Borders contribuiu para que eu tivesse coragem de assumir a montagem do filme.

Apesar de as tentativas não terem sido completamente bem sucedidas, consegui tirar muitos aprendizados do processo de captação financeira. Percebi que as coisas não acontecem automaticamente, que apesar do apoio, nem todos estão dispostos a contribuir financeiramente e que para conseguir resultados expressivos, é necessário que haja uma equipe focada apenas na produção executiva do filme.

## **2. Produção**

### **2.1 Filmagens**

Como comentado acima, as gravações começaram às pressas, sem um período de pré-produção devidamente maturado. Ao estabelecer a parceria com os pescadores para o transporte da equipe de filmagem, tive que iniciar o processo imediatamente. Já era início de março, e o acordo era o de que as caronas ocorreriam apenas até o final da alta temporada, que seria no fim de abril.

Com a equipe formada, foi decidido os estilos de câmeras e lentes que seriam usados, levando em conta as limitações impostas por uma produção de baixo orçamento. Como dependíamos do tempo para realizar as gravações, não tínhamos como reservar a melhor câmera do Labcine, pois o regimento do laboratório exigia que as reservas fossem feitas com 72h de antecedência. Por isso, foi decidido que usaríamos múltiplas câmeras, preferencialmente da mesma marca (Canon). Por sorte, a linguagem documental permite essa diferença de equipamentos, sendo que as maiores discrepâncias poderiam ser resolvidas na colorização. Já os equipamentos do Laboratório de Som não eram tão concorridos quanto os equipamentos do Labcine. Como eles não eram necessários em todas as diárias, conseguimos reservá-los sem grandes problemas.

Para não ocupar muitos lugares na embarcação, acabei sendo diretor e produtor no set. Dessa forma, ao mesmo tempo que eu dirigia e orientava a direção de fotografia, eu estava sempre com uma prancheta na mão para recolher as autorizações de uso de imagem das pessoas filmadas muito de perto. Além disso, eu precisava acertar com o restaurante as refeições da equipe a cada diária. Foi a época de maior correria da produção do documentário Mundo Ilha do Campeche. Abaixo, comento algumas reflexões que tive no decorrer do processo:

- Durante o processo de filmagens, eu estava naturalmente envolvido com os agentes da ilha. Assim, fui descobrindo assuntos interessantes para filmar ao longo do processo, como por exemplo, a visita dos guaranis à ilha e o projeto escola. No entanto, por ainda não ter o roteiro finalizado, acabei filmando material em excesso. Por não ter o foco que o roteiro teria me proporcionado desde o início, eu me vi na situação de filmar coisas que tinham pouca chance de entrar para o corte final do filme. As pessoas me indicavam algum evento interessante para filmar e já que eu não sabia se aquilo seria importante na construção da voz do documentário, acabei acatando sugestões durante as filmagens. O aprendizado é para uma próxima vez ter mais foco nas ideias centrais e, essencialmente, ter um roteiro finalizado no ato de filmar.
- Também tivemos repetidos problemas com o som. Escolhemos algumas locações que tinham muito ruído (como motores de motos e de ônibus). Alguns dias esquecemos as pilhas do gravador e só conseguimos filmar com um microfone de baixa qualidade acoplado à câmera. Pela praticidade, o microfone acoplado se

mostrou um item essencial para se ter sempre disponível na filmagem de documentários.

- Outro aprendizado foi não confiar quando as pessoas falavam para “deixarmos para depois” assinar as autorizações de uso de imagem. Por ter acatado essa ideia durante a visita dos indígenas na ilha, depois tive que ir quatro vezes para São José para conseguir as autorizações de uso de imagem deles.
- Não dispensar o rebatedor em entrevistas ao ar livre, mesmo que sejam realizadas na sombra.
- Fazer planos espontâneos dos entrevistados é uma boa alternativa para criar intimidade entre personagem e espectador. Foi um erro dispensá-los.
- Não ouvir tanto as ideias dos outros do que filmar ou não. Focar e confiar no que você quer mostrar.

## **2.2 Entrevistas**

Como um dos princípios do documentário é mostrar o patrimônio cultural e o patrimônio ambiental de forma complementar, escolhi apresentar os entrevistados sempre conectados ao meio ambiente. Por isso, todas as entrevistas foram gravadas em tomadas externas.

Isso se tornou um desafio para as gravações, pois eu precisei conciliar tanto a agenda dos entrevistados, quanto a da equipe, quanto a reserva de equipamentos e a previsão do tempo. Apesar da dificuldade de lidar com o clima de Florianópolis, acredito que as filmagens externas fizeram muita diferença para a estética imagética do filme.

Em termos de local, tivemos uma filmagem que deu erro, por conta da posição do sol. Era um dia nublado, mas o sol aparecia em alguns momentos. Como o fundo da imagem era a praia, a maioria dos planos acabaram ficando estourados. Isso se tornou um aprendizado para colocar o entrevistado sempre de frente para a luz e não de costas, mesmo em dias nublados.

As minhas habilidades como entrevistador foram melhorando ao longo das entrevistas. Inicialmente eu chegava sem ter uma ordem para as perguntas, mas com o tempo, fui tomando mais cuidado para não chegar com perguntas polêmicas de início e assustar o entrevistado. A ideia era fazer perguntas específicas para cada entrevistado, mas também repetir algumas perguntas para alguns deles, para conseguirmos selecionar

as melhores respostas. Por conta disso, a maioria das entrevistas ficaram longas, dificultando a seleção do material no processo da montagem.

### **2.3 Questão Ética**

Durante as entrevistas, acabei descobrindo alguns fatos graves no histórico da ilha. Desde o início, eu estava ciente das questões entre monitores, pescadores e associados da Couto. No entanto, alguns entrevistados me contaram de conflitos pessoais com outros agentes e perseguições de uma associação contra a outra. Descobri questões morais e ilegais. Questões de classe e injustiças. Não sabia como lidar com aquele material em minhas mãos, tanto por não saber da veracidade dos fatos, quanto por achar que aquele material poderia causar um grande conflito entre os agentes. Por isso, decidi deixar de fora e cortar essas falas do documentário. Além disso, meu foco não era num documentário investigativo, eu não estava ali para desmascarar ninguém. Por isso, acabei desistindo de usar esses arquivos por uma questão ética. Bill Nichols reflete sobre a ética documental:

Quais as consequências das diferentes formas de reação aos outros e de envolvimento com eles? Como podemos representar os outros ou falar deles, sem reduzi-los a estereótipos, joguetes ou vítimas? Essas perguntas não tem respostas fáceis e sugerem que as questões não são apenas éticas. Agir antiteticamente ou representar mal os outros envolvem política e ideologia também. (NICHOLS, 2001, p. 178)

## **3. Pós Produção**

### **3.1 Montagem**

Bill Nichols afirma que: O documentário floresce quando adquire voz própria. A montagem é responsável pelo rearranjo dos acontecimentos a partir fragmentos. Dessa forma, além da representação do mundo histórico por meio da fotografia, a voz do documentário surge a partir da junção das entrevistas, que formam o argumento e dão voz às convicções do cineasta:

A retórica, em todas as suas formas e em todos os seus objetivos, fornece o elemento final e distintivo do documentário. O exibidor de atrações, o contador de histórias e o poeta da fotogenia condensam-se na figura do documentarista como orador que fala com uma voz toda sua do mundo que todos compartilhamos. (NICHOLS, 2001, p. 134)

Inicialmente, a montagem foi um processo confuso. Começamos a edição sem ter finalizado as filmagens. Após um início travado, sem saber como organizar o excesso de quantidade de material, conversei com a professora Pati Iuva, que deu uma orientação precisa e, assim, começamos a progredir. Eu comecei ajudando a limpar o material, para depois ser editado, mas devido aos atrasos iniciais, a equipe de montagem não conseguiu se integrar e uma das assistentes teve que sair do projeto. Além disso, em outubro, pouco tempo depois de termos começado, ocorreu a greve universitária que atrasou ainda mais o processo. A greve complicou a vida da editora, que ficou com excesso de trabalhos das disciplinas para realizar em pouco tempo e ainda com um estágio ficou difícil para ela se dedicar inteiramente ao projeto.

Em dezembro, eu participei de um Workshop de Direção de Filmes de Natureza, ministrado por Todd Southgate, diretor de fotografia e documentarista canadense, que reside aqui em Florianópolis. No workshop, ele abordou todas as etapas da produção de um documentário de natureza, da pré-produção à comercialização. Como eu estava no processo de montagem, consegui absorver várias dicas para continuar a pós produção do documentário. Esse workshop contribuiu para que eu me conectasse mais com o filme e a tomasse a decisão de me apropriar da montagem.

Nesse meio tempo, eu tive a oportunidade de comprar um bom computador para edição. Como eu já tinha limpado, organizado e categorizado boa parte do material acabei me familiarizando bastante com ele. Após o curso, tive um período de descanso nas férias de verão e renovação das energias. Em fevereiro, a editora me entregou uma primeira organização do material na linha do tempo do programa de edição (Adobe Premiere). No entanto, o atraso tornara o processo muito longo e ela teria que sair do projeto no início de março. Portanto, como eu poderia me dedicar mais ao meu próprio TCC, decidimos que eu me encarregaria da edição do filme.

A montagem foi a parte mais extensa do filme. Juntando entrevistas e imagens B Roll, tínhamos mais de 15h de material. A ideia inicial era a de que o documentário fosse um longa metragem. Por isso, acabamos filmando uma grande quantidade de material que não entrou para o corte final. Meus dois orientadores já haviam sugerido que o filme fosse formatado em média metragem. Além disso, após o workshop, consegui uma orientação de Todd Southgate que também sugeriu que eu diminuísse a duração do filme. Segundo os professores, a temática do filme se adequava melhor a uma proposta televisiva. Já Todd defendia que o filme teria mais chance de ser escolhido pelos festivais na categoria de

média metragem, já que sendo um filme de baixo orçamento, dificultaria na competição com outros documentários de orçamentos maiores.

Assim, após o segundo corte, tomei a decisão de reduzir a duração e cortar alguns assuntos. Acredito que o feedback dos orientadores e do Todd contribuiu positivamente para o filme. Eu pretendia abordar temáticas mais burocráticas da relação entre os agentes e os órgãos públicos, mas vendo o produto final, acredito que não teria espaço para isso. Além disso, o final do filme acabou mudando durante a filmagem. Isso aconteceu tanto devido a qualidade do material, quanto ao diálogo que o filme propõe com a conjuntura política atual. Me parecia injusto um final esperançoso, sendo que todos os órgãos que defendem a cultura e o meio ambiente estão sofrendo sérios ataques por parte do governo federal.

*Aqui a esperança é substituída pelo desencanto. Se antes viver no Brasil era estar apoiado no sentido claro, inexorável, da história, agora viver no Brasil é entrecruzamento de sentidos, agonia. E o presente doloroso não se redime por nenhum horizonte de transformações. (XAVIER, 2001, p.65)*

Após quase dois meses, a montagem do filme passou por 7 cortes e ficou pronta. Esse processo foi muito importante para mim, principalmente quando eu penso no roteiro inicial e na edição etapa por etapa, analisando o que funcionava e o que não dava certo. Foi um processo de desapego e transformação da ideia (roteiro e filmagem) em realidade palpável (filme montado). Ver a formação do documentário, plano após plano na timeline do Premiere, foi muito importante para o meu entendimento de como um filme é, de fato, construído.

### **3.2 Finalização**

A etapa de finalização foi realizada quando a pandemia já estava estabelecida. Minha prioridade foi continuar o filme, sempre levando em consideração a saúde mental de todos os envolvidos. Por isso, foi um momento em que eu tive que lidar com a minha ansiedade em primeiro lugar para que o ritmo pudesse fluir de forma saudável durante a quarentena. Um ponto positivo foi que eu já tinha conversado com todos da equipe no final do segundo semestre de 2019, então entramos na pandemia com as expectativas para o projeto já alinhadas.

Ao longo de 4 meses, foram feitos concomitantemente edição de som, trilha sonora, animação e colorização. Foi um processo muito conjunto entre todos os envolvidos. Nesse

processo, senti que a minha direção amadureceu, pois consegui trabalhar com mais foco e de forma mais integrada com a equipe. Estar focado apenas na finalização do filme contribuiu muito para esse resultado, ao contrário das primeiras etapas onde eu precisei desempenhar as funções de produtor, roteirista, diretor e entrevistador.

#### **4. Distribuição:**

A distribuição ainda está sendo pensada, vide o cenário da pandemia que estamos vivendo. Os festivais continuam ocorrendo de forma online, mas ainda não definimos as estratégias de distribuição, se ele será realizado de modo online ou se esperaremos para lançar quando as pessoas já puderem assistir ao filme presencialmente em telas de cinema. Enquanto isso, as artes de promoção e distribuição já estão sendo produzidas (cartaz e trailer) para que possamos usá-las quando chegar o momento certo.

#### **Referências Bibliográficas:**

**NICHOLS, Bill.** Introdução ao documentário. 5ª Edição – Campinas, SP – Editora Papyrus, 2001.

**XAVIER, Ismail.** Cinema Brasileiro Moderno. 2ª Edição – São Paulo, SP – Editora Paz e Terra (Coleção Leitura), 2001.

#### **Referências Fílmicas:**

**GMO OMG** (Jeremy Seifert, 2013)

**Bikes vs Carros** (Fredrik Gertten, 2015)

**The Discarded: A Tale of Two Rios** (Annie Costner e Carla Dauden, 2016)

**Vida Como Risoma** (Lisi Kieling, 2016)

**Pantanal: a boa inocência de nossas origens** (Izabella Faya e Eduardo Nunes, 2017).

## **ANEXO 1: Projeto**

### **Mundo Ilha do Campeche**

Direção e Produção: Cláudio Felippio Júnior

Orientador: Alfredo Manevy

#### **Sinopse**

O documentário apresenta a Ilha do Campeche, patrimônio paisagístico e arqueológico nacional, tombado pelo IPHAN no ano 2000. Seus benefícios são usufruídos por diversos grupos humanos, cada um de sua forma. Concomitantemente, há um aumento progressivo de turistas procurando visitar a ilha. Diante disso, há opiniões divergentes e interesses conflitantes sobre a forma como a ilha é usada. Por outro lado, há um interesse comum nessas discussões: a manutenção do uso da ilha por esses grupos

#### **Argumento**

A Ilha do Campeche é um dos roteiros turísticos mais procurados do Estado de Santa Catarina, sendo conhecida principalmente por suas belezas naturais e águas cristalinas. No ano 2000, a ilha foi tombada pelo IPHAN como patrimônio paisagístico e arqueológico. Atualmente, é o 8º maior sítio arqueológico do Brasil. No entanto, a ilha já era utilizada por diversos grupos humanos antes de seu tombamento, tanto para trabalho quanto para lazer. O documentário apresentará a relação entre esses grupos que perpassam a história da Ilha do Campeche.

A ilha é ocupada pela Associação Couto de Magalhães – Acompeche – desde a década de 1940. Inicialmente chamava-se Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, época em que os quatis e diversas espécies exóticas de plantas foram introduzidas na ilha. Devido às questões legais decorrentes da proibição da caça no Brasil, a associação mudou seu nome para Clube de Preservação Ecológica Couto de Magalhães e, atualmente, é utilizada para fins de lazer. Seus associados pagam uma mensalidade e podem se hospedar em alojamentos na ilha. Também ajudam no controle de visitantes após às 17h, horário em que acabam as atividades do Programa de Visitação.

Já a Associação de Pescadores Artesanais da Armação do Pântano do Sul – APAAPS – que utilizava a ilha como suporte nos séculos XVIII e XIX, época em que existia a caça das baleias no local, atualmente realiza o transporte de turistas. A eles se juntaram a Associação de Barqueiros Transportadores da Praia do Campeche – ABTC –

e a Associação de Transportadores da Barra da Lagoa – ATBL para suprir a demanda turística. O restaurante Bacalhau é responsável pela alimentação dos turistas.

Com o aumento do turismo, a ilha passou a ter um impacto negativo, devido ao acúmulo de lixo, a degradação da vegetação e ao descaso dos usuários. Diante disso, a ilha foi tombada pelo IPHAN como patrimônio paisagístico e arqueológico no ano 2000. A partir de então, foi criado o Programa de Visitação e Conservação da Ilha do Campeche. Recentemente, em 2009, também foi criado o Instituto Ilha do Campeche através da Portaria nº 691, tornando-se responsável pela gestão do Programa de Visitação. Esse, por sua vez, é formado por uma equipe de monitores que tem como objetivo promover a educação ambiental e transmitir aos turistas conhecimentos multidisciplinares relacionados a Ilha do Campeche.

As três associações de pescadores e transportadores, a associação Couto de Magalhães e o restaurante Bacalhau, juntamente com o IPHAN, MPF, FLORAM e Instituto Ilha do Campeche, são signatárias do TAC – Termo de Ajustamento de Conduta – que faz a gestão da ilha e limita o número de visitantes durante a temporada. Cada associação tem uma cota diária de turistas que pode transportar para a ilha. A junção do número de cotas não pode ultrapassar as 800 pessoas por dia para que seja garantido o uso sustentável do patrimônio. A cada desembarque feito pelas associações, uma porcentagem do ingresso é direcionada ao Fundo de Conservação da Ilha do Campeche.

O realizador deste projeto faz parte do Programa de Visitação e Conservação da Ilha do Campeche. Através da sua experiência como monitor, percebeu que os grupos que utilizam a ilha não se relacionam de forma harmônica. Há uma fala recorrente entre as pessoas que lá trabalham: “aqui na ilha ninguém se gosta, todo mundo se atura.” As associações reclamam constantemente da presença dos órgãos fiscalizadores, afirmando que as relações entre os usuários da ilha eram melhores antes da presença do IPHAN. Os integrantes da equipe de visitação não são valorizados por seu trabalho de educação ambiental e patrimonial. Portanto, nota-se uma constante busca pelo reconhecimento das outras associações.

Atualmente a ilha é vendida para os turistas como o “Caribe brasileiro”, por conta de suas águas cristalinas. Anualmente, são cerca de 70 mil turistas. A cada ano a procura aumenta e percebe-se que a ameaça ao ambiente natural aumenta, ao passo que o patrimônio cultural deixa de ser prioridade. O objetivo deste documentário é mostrar a importância do Programa de Visitação e Conservação da Ilha do Campeche, não apenas na conservação do patrimônio, mas como um elo que garante que as outras associações possam continuar usufruindo da ilha, retirando seu sustento a partir do turismo ecológico. A valorização da Ilha do Campeche como patrimônio paisagístico e arqueológico – e não como Caribe brasileiro – está diretamente ligada ao conhecimento e à manutenção das culturas que a formam. Por isso, é necessária uma maior união entre todos os envolvidos, assim como maior reconhecimento da história e do trabalho dos grupos que compõem a ilha, levando em consideração a evolução do cenário socioeconômico em que a ilha está inserida.

## **A Proposta**

Um documentário nasce do contato com o outro. Na Ilha do Campeche ocorre o encontro de diversas pessoas que estudam e se especializam em diferentes áreas de conhecimento. Elas se encontram com o objetivo de conhecer o patrimônio que nos foi deixado há milhares de anos e, principalmente, com o intuito de conservar o meio

ambiente. Durante seis meses, aos finais de semana, essas pessoas que nunca se viram antes, unem-se para obter aulas de arqueologia, leis ambientais, oceanografia, fauna, flora, história local, entre outros. São diversos assuntos, que ao final do curso, reúnem uma bagagem de conhecimentos acerca da Ilha do Campeche. A maioria dessas pessoas sabem, ao início do curso, que terão a oportunidade de trabalhar em um ambiente de conservação. Ou seja, elas já têm uma noção dos hábitos sustentáveis que precisamos ter para viver em harmonia com a mãe Terra.

Ao longo do tempo, eles percebem que a ilha tem uma história. Uma história de pessoas que vêm usando a ilha há milhares de anos. Os usuários mais recentes continuam usufruindo daquele ambiente. Esses são principalmente os pescadores e a Associação Couto de Magalhães, além dos turistas que visitam a ilha diariamente. Percebe-se então o impacto da ação humana naquele local. A presença de animais e plantas exóticas, a exemplo dos quatis e de diversas plantas ornamentais. Perguntam-se como aquelas galinhas da Angola foram parar em um ambiente de conservação que pertence à Mata Atlântica, vegetação típica do litoral brasileiro. Nota-se ainda que uma ação que ocorreu há décadas ou séculos, ainda está prejudicando o ambiente local. Além disso, apesar dos cuidados dos monitores e de alguns membros da associação, a ilha contém muito lixo, alguns que estão lá há mais de décadas.

O local passou a ser mais cuidado depois dos esforços de órgãos fiscalizadores, como o IPHAN. A partir daí, passou-se a ter um olhar mais crítico ao turismo em massa e os ideais do turismo de conservação vem sendo implementados gradativamente. Além disso, considera-se a história dos grupos sociais que vem usando a ilha há décadas, principalmente para fins de trabalho. Alguns visitam a ilha desde que nasceram e ninguém tem o direito de tirar esse benefício que faz parte da história daquelas pessoas. A atividade é apoiada por muitos dos turistas que visitam a ilha, porém as medidas regulatórias implementadas, geram incômodo e desconforto nos grupos locais.

Portanto, há duas questões bastante importantes: a preservação ambiental e a manutenção da história e da cultura que compõe a Ilha do Campeche. Essa é a análise que o documentário propõe. O filme começará apresentando os grupos que compõem a ilha, sua história, as atividades que constituem sua cultura e os efeitos do turismo em suas atividades diárias. Além disso, tem o intuito de questionar o uso desenfreado dos recursos naturais e propor um olhar mais apurado à importância de conservar o patrimônio arqueológico e cultural, o qual faz parte da história mais antiga dos povos que passaram pela ilha. Haverá um enfoque na venda da ilha como “Caribe brasileiro” em detrimento de patrimônio cultural. Olhar a Ilha do Campeche como um patrimônio cultural está intimamente ligado com a valorização da cultura local e da preservação do ambiente natural.

Por fim, promoverá a reflexão entre os grupos envolvidos a respeito dos desafios existentes para a manutenção dos recursos da ilha, dando visibilidade à valorização da história local e do trabalho de educação ambiental e patrimonial que tem sido feito pelos monitores, com o fim de que essas culturas continuem a usufruir do patrimônio. Por fim, evidenciará a importância do uso sustentável dos recursos naturais.

Uma referência da proposta deste documentário é o filme: “Pantanal: a boa inocência de nossas origens”, uma produção da 3 Tabela Filmes, dirigida por Izabella Faya e Eduardo Nunes, no ano 2017.

## **Personagens e Cenários**

As filmagens serão realizadas na Ilha do Campeche, na praia da Armação, nas Campanhas, na praia do Campeche e na Barra da Lagoa. O intuito é mostrar que todo esse projeto gira em torno do ambiente de praia, que além de ser visualmente lindo, é o ambiente de trabalho e lazer de muitas pessoas. Por isso, necessita de esforços conjuntos para que sejam conservadas para as gerações futuras.

Para a construção do audiovisual, serão feitas perguntas sobre a relação dos agentes com os tesouros e problemas encontrados na ilha. Como eles se relacionam com o turismo, os quatis, o lixo, a pesca e em última análise, com os outros agentes. Por isso, representantes de todas as associações presentes diariamente na ilha foram entrevistados:

- Monitores: Seis monitores serão escolhidos para descrever as suas experiências na ilha. Foram priorizados os mais antigos, que conhecem melhor a dinâmica e tem maior conhecimento das mudanças que ocorreram na ilha ao longo dos anos. Além disso, um monitor será escolhido para interpretar uma Trilha Terrestre em frente às câmeras.
- Acompeche: Um representante será escolhido para falar de suas relações com a ilha e o histórico da associação.
- APPAPS: Três representantes serão escolhidos para contar um pouco mais sobre a pesca artesanal, sobre a caça das baleias, sobre as atividades turísticas e como a relação dos pescadores com a ilha foi mudando ao longo do tempo.
- Turismólogo: Apresentará uma visão crítica sobre a propagação do turismo ao longo das décadas. Além disso, apresentará o turismo como é hoje e qual seria a opção mais sustentável para a conservação do patrimônio Ilha do Campeche
- Instituto Ilha do Campeche: Falará sobre a gestão e mediação entre agentes da ilha.
- IPHAN: Falará sobre o contexto em que a ilha foi tombada, sobre o relacionamento com os grupos que já utilizavam a ilha, sobre o Programa de Visitação e Conservação da Ilha do Campeche e às mudanças ocorridas nos 19 anos de tombamento.
- Biólogo: Falará sobre as atividades que podem ser desenvolvidas de forma sustentável em uma área protegida, como a Mata Atlântica e o ambiente de praia.
- Historiador: Falará sobre o surgimento e o desenvolvimento da comunidade da Armação e das atividades relacionadas a Ilha do Campeche, com foco na caça das baleias.
- Procuradora Federal: Apresentará a visão do MPF sobre a Ilha e o trabalho feito para tentar conciliar os diferentes interesses.

### **Proposta de Tratamento Audiovisual**

A abordagem que guiará a construção da linguagem documental será a de entender a subjetividade dos grupos que usufruem a ilha, além de capturar a importância paisagística e arqueológica através das lentes.

O filme conterá elementos do estilo poético quando se propõe a valorização a subjetividade dos entrevistados e na estética dos planos. A ideia é que o entrevistado deixe seus sentimentos vir à tona, que demonstre sua sensibilidade com o tema abordado e o seu amor pela Ilha do Campeche. Que a câmera consiga captar o quão importante a ilha

é para os entrevistados, o quanto satisfaz suas necessidades humanas. Além disso, há uma preocupação estética ao mostrar os presentes “paisagísticos” que a ilha proporciona aos seus usuários. Tentar capturar a sensibilidade no olhar para as plantas, para as gravuras rupestres, para o pôr-do-sol, entre outros elementos. Ainda, se ao longo do processo for achado algum poema que represente as lutas pela conservação ambiental, necessidade de manutenção da cultura local, este poderá ser narrado durante o documentário. Por fim, observa-se a importância de utilizar o estilo performático, no momento em que a visão do realizador como monitor atuante na ilha é importante para evidenciar a necessidade de reconhecimento e união entre os grupos envolvidos.

Durante as entrevistas, o diretor, também entrevistador, não aparecerá nas imagens. Porém na edição/montagem propõe-se que o espectador entenda a intervenção em que apresenta a relação dialógica dos dois lados. Considera-se o entrevistador também como um personagem. As entrevistas serão acompanhadas por uma equipe, a qual auxiliará na captação do áudio, fotografia e câmera. A equipe será reduzida para assim estabelecer uma relação intimista e informal com os entrevistados. Não terão aparatos técnicos de luz, uma vez que se pretende fazer as imagens em período diurno e, em sua maioria, externa. Assim, optou-se em utilizar somente a câmera com microfone direcional e/ou lapela. Serão utilizadas também imagens de arquivos/ fotografias que ajudarão na narrativa do documentário.

Pretende-se também utilizar de elementos interpretativos, pois há o intuito de filmar um monitor fazendo uma trilha e contando para a câmera questões relacionadas à ilha. A partir desses procedimentos narrativos, pretende-se inverter a visão de que a Ilha do Campeche é apenas um Caribe brasileiro e mostrar que existe uma história por trás, uma luta que os agentes presentes na ilha enfrentam diariamente para que se possa coexistir e prezar por suas formas de sustento e lazer. Assim, com essa obra audiovisual, será possível construir uma nova visão desse espaço e tempo presente no contexto atual.

## **Estrutura**

O documentário será um longa-metragem com mais ou menos 1,5h de duração. Será dividido em três atos.

O produto audiovisual começará mostrando imagens da Ilha do Campeche, assim como ela é conhecida atualmente: o Caribe brasileiro. Apresentará o fato de que é o 8º maior sítio arqueológico do Brasil, mas não ficará preso a isso, por hora. Em seguida, será apresentado o grande número de pessoas que procura a ilha, o que elas esperam encontrar nesse local. Além disso, serão mostradas atividades que são realizadas lá, além de um perfil sociocultural de cada agente que usufrui da ilha. Quem são essas pessoas? Qual é o histórico de suas atividades na ilha? Quais são as atividades que elas realizam fora da ilha? Como se beneficiam atualmente deste ambiente? São algumas das perguntas que serão respondidas no ato inicial.

Em seguida, serão mostrados os impactos da ação humana na ilha, juntamente com as atividades realizadas lá ao longo dos anos. Falar-se-á um pouco mais sobre como cada povo usou a ilha, retirando e contribuindo para a configuração atual do espaço. Nessa hora, falar-se-á um pouco mais das gravuras rupestres, de como se realiza a pesca artesanal, da presença dos quatis na ilha, do lixo deixado pelos turistas, apesar dos informes. Em seguida, o foco se dará para o trabalho do IPHAN nesse ambiente. O

trabalho de educação ambiental e patrimonial, os trabalhos com o lixo, a capacidade de carga atual e o número de visitantes.

Na sequência, o foco estará no relacionamento entre as entidades presentes na ilha. Como se deu historicamente e o que tem ocorrido com a presença de novos agentes neste ambiente? Além disso, cada grupo falará sobre as ameaças que eles visualizam no futuro do patrimônio e o que acham necessário que seja feito para garantir a preservação da ilha. O audiovisual finalizará com uma reflexão sobre o que é necessário ser feito para que esses povos continuem lá, o que precisa ser valorizado e quais são as barreiras que devem ficar de lado para garantir um bom relacionamento entre eles, a manutenção de suas culturas e a conservação do patrimônio natural e cultural.

### **Cronograma e Equipe**

A equipe de filmagem, captura de som e edição será formada por graduandos do curso de Cinema da UFSC.

O documentário “Mundo Ilha do Campeche” é um projeto gestado dentro da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto foi concebido com vários apoios de instituições locais, o que nos poupou custos como deslocamento da equipe de barco até a Ilha, refeições principais como o almoço e hospedagem, em caso de pernoite. Os equipamentos utilizados no filme foram concedidos pela universidade e os gastos extras como deslocamento da equipe e alimentações extras foram custeados com verba própria. Outra peculiaridade do projeto é a equipe, em função de ser composta por estudantes, o gasto com a equipe é inferior, já que o filme é também exercício para os mesmos.

<b>PRÉ PRODUÇÃO</b>		
MARÇO/2019	finalização de roteiro	SEM CUSTO
	formação da equipe	
<b>PRODUÇÃO</b>		
ABRIL A JULHO/2019	equipe	3,000.00
	transporte e alimentação	
	equipamentos	
<b>PÓS PRODUÇÃO</b>		
AGOSTO/2019 A MARÇO/2020	edição de som	6,000.00
	edição de imagem	
	colorização	

### **Cronograma**

O filme se encontra no estágio C3 de produção.

2019	<b>MAR</b>	<b>ABR</b>	<b>MAI</b>	<b>JUN</b>	<b>JUL</b>	<b>AGO</b>	<b>SET</b>	<b>OUT</b>	<b>NOV</b>	<b>DEZ</b>	2020	<b>Jan</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>

	A													
		B1	B1	B2	B2	B2								
						C3	C3	C3	C3	c3				
											C4/C5	C4/C5	C4/C5	
														D

## LEGENDA:

A - Pré-produção

B - Diárias

1. Diárias na Ilha
2. Entrevistas

C - Pós produção

3. Montagem
4. Edição de Som e Trilha Sonora
5. Cor

D - Lançamento e distribuição

## Referências

**APAAPS - Associação Pescadores Artesanais Armação P. do Sul.** Disponível em: <https://barcosilhacampeche.wixsite.com/ilhadocampeche>

**Couto de Magalhães - Wikipédia.** Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Couto\\_de\\_Magalh%C3%A3es](https://pt.wikipedia.org/wiki/Couto_de_Magalh%C3%A3es)

**Clube de Preservação Ecológica Couto de Magalhães.** Disponível em: <http://www.guiadepraias.com.br/ponto.php?id=510>

**Definidos termos do acordo para gestão da Ilha do Campeche na temporada 2018/2019.** Disponível em : <https://ndonline.com.br/blogs-e-colunas/fabio-gadotti/definidos-termos-do-acordo-para-gestao-da-ilha-do-campeche-na-temporada-2018-2019/>

**Documentário 'Pantanal, a boa inocência de nossas origens' terá primeira exibição hoje em Cáceres.** Disponível em: [http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=43361&noticia=documentario\\_pantanal\\_a\\_boa\\_inocencia\\_de\\_nossas\\_origens\\_tera\\_primeira\\_exibicao\\_hoje\\_em\\_caceres](http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=43361&noticia=documentario_pantanal_a_boa_inocencia_de_nossas_origens_tera_primeira_exibicao_hoje_em_caceres)

**Estratégias de pesca e usos dos recursos em uma comunidade de pescadores artesanais da Praia do Pantano do Sul (Florianópolis, Santa Catarina).** Disponível em: [http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/CAMP\\_5916a1404454594e009d3e7543e4fd98](http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/CAMP_5916a1404454594e009d3e7543e4fd98)

**Instituto Ilha do Campeche.** Disponível em: <https://institutoilhadoampeche.blogspot.com/>

**IPHAN.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

**O MUNDO É O MAR: PESCADORES TRADICIONAIS E SEUS MAPAS MENTAIS ARMAÇÃO DO PÂNTANO DO SUL, FLORIANÓPOLIS, SC.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/158868/336967.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

**Pescadores de Florianópolis dão aulas de história aos turistas sobre período de caça às baleias.** Disponível em: <https://ndonline.com.br/noticias/pescadores-de-florianopolis-dao-aulas-de-historia-aos-turistas-sobre-periodo-de-caca-as-baleias/>

**Portaria IPHAN nº 691 de 23/11/2009.** Disponível em: [http://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-691-2009\\_217945.html](http://www.normasbrasil.com.br/norma/portaria-691-2009_217945.html)

**Regulamentação sobre a Ilha do Campeche volta a ser discutida em Florianópolis.** Disponível em: <https://ndonline.com.br/blogs-e-colunas/fabio-gadotti/regulamentacao-sobre-a-ilha-do-campeche-volta-a-ser-discutida-em-florianopolis/>

**Todas as faces da Ilha do Campeche, um dos principais pontos turísticos de Florianópolis.** Disponível em: <https://ndonline.com.br/noticias/todas-as-faces-da-ilha-do-campeche-um-dos-principais-pontos-turisticos-de-florianopolis/>

**Transporte para a Ilha do Campeche continuará sendo feito por associações.** Disponível em: <https://ndonline.com.br/noticias/transporte-para-a-ilha-do-campeche-continuara-sendo-feito-por-associacoes/>

**TURISMO E RECURSOS NATURAIS: O LUGAR DAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO ECOTURISMO.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/283698002\\_Turismo\\_e\\_recursos\\_naturais\\_o\\_lugar\\_das\\_unidades\\_de\\_conservacao\\_no\\_ecoturismo](https://www.researchgate.net/publication/283698002_Turismo_e_recursos_naturais_o_lugar_das_unidades_de_conservacao_no_ecoturismo)

**Uso público em unidades de conservação: fragilidades e oportunidades para o turismo na utilização dos serviços ecossistêmicos.** Disponível em: <file:///D:/bkp/Downloads/465-1-1275-1-10-20130806.pdf>

## **ANEXO 2: Roteiro**

### **Mundo Ilha do Campeche**

Um roteiro de Cláudio Felippio Júnior

#### Ato I

A Ilha do Campeche é um local tão especial, pois pessoas com diferentes conhecimentos e experiências se encontram com o objetivo comum de conservar aquele local. Os monitores do IPHAN e a comunidade da Armação do Pântano do Sul formam

um elo importantíssimo de proteção ao patrimônio humano e ambiental da Ilha do Campeche. Em meio a tantas diferenças, se unirmos forças podemos proteger e cuidar do que é importante para nós. A velha máxima cai como uma luva “a união faz a força”. **[Na tela: Planos da Armação e Campanhas de manhã, os monitores e pescadores, Ilha do Campeche de longe].**

Apresentação da ilha sob a perspectiva do Caribe Brasileiro e das belas praias. **[Vídeo publicitário da Prefeitura de Florianópolis: narração caricata evidenciando apenas a questão turística].**

Tudo começa com o Curso de Formação da Ilha do Campeche. **[Entrevista Cíntia e Dafne].** Logo no início, há aulas de políticas ambientais e legislação. Depois, aulas de cunho mais científico e cultural. A galera começa a se conhecer. Aí aprendemos mais (sobre a época da caça das baleias), sobre a história da comunidade da Armação do Pântano do Sul, sobre a fauna e a flora que compõem a ilha, sobre os ecossistemas marinhos, sobre arqueologia e sobre turismo cultural e de base comunitária, afinal, em breve teríamos que explicar um pouco sobre cada um desses assuntos para os turistas. Até aulas para aprendermos a nos comunicar melhor com os turistas nós tivemos. **[Na tela: Imagens de monitores fazendo trilha de reconhecimento, imagens de monitores, escola Dilma, monitores fazendo trilhas, monitores conversando, monitores fazendo trilha].** Sem dúvidas proporciona um aprendizado sobre o meio ambiente que enriquece muito o processo de conscientização e revela um tesouro cultural importantíssimo. O curso é promovido pelo IPHAN e acontece na Escola Dilma na Armação. **[Narração: “Pera lá, já é a segunda vez que eu escuto esse cacófato, que diabos é IPHAN?” [Interferência de um narrador explicando que a Ilha do Campeche é um patrimônio paisagístico e arqueológico tombado pelo IPHAN. Aproveitará para explicar termos técnicos como “IPHAN”, “tombado” e “Sítio Arqueológico”. Na tela: animação acompanhando a explicação].** A ilha apresenta a maior concentração de sítios arqueológicos do litoral brasileiro, que conta a história de povos antepassados através de artefatos, construções e outras evidências de atividade humana. A história de povos que utilizaram a Ilha do Campeche perpassa gerações, sendo a mais recente de pescadores da Armação do Pântano do Sul. Além de ser tombada por seu aspecto paisagístico, já que a ilha apresenta diversas espécies de plantas preservadas da Mata Atlântica, bioma com a maior biodiversidade do mundo. O IPHAN fiscaliza e protege os sítios arqueológicos. **[Entrevistas explicando a riqueza cultural da Ilha].**

Quando se começa a trabalhar na ilha, é preciso sair de um mundo idealizado onde as leis ambientais funcionam, onde as pessoas preservam o meio ambiente e onde há fiscalização efetiva. Na realidade, a ilha recebe mais turistas do que suporta, as pessoas não te ouvem e te olham de cara torta, além da quantidade de lixo ser proporcional a quantidade de quatis. **[Na tela: farofagem de turista, lixo, representações de desrespeito a lei. [Som de natureza e imagem da praia calma].** Nesse contexto, os monitores regulam a atividade turística e garantem que o meio ambiente da ilha seja preservado. O turista é transportado pelos pescadores até a ilha e lá são entregues aos monitores. A comunidade da Armação do Pântano do Sul que utiliza a Ilha do Campeche é formada pelos pescadores/transportadores, pelos funcionários do restaurante Bacalhau e de alguns membros da Associação Couto de Magalhães. Ao longo do tempo, de idas e vindas para a Ilha do Campeche, criamos raízes com os pescadores e o pessoal da comunidade. **[Na tela: take do barco, monitores descendo do barco, pescadores na praia, funcionários trabalhando no restaurante, associados da Couto, imagens de flores e a calmaria da manhã]**

Histórico da Armação, apresentação dos pescadores, da Couto e o surgimento da atividade turística. A comunidade surgiu no século XVIII com o advento da caça das baleias. Logo após a vinda dos europeus para o Brasil, os membros da Coroa Portuguesa perceberam que havia uma grande quantidade de baleias francas no litoral. Após inúmeros pedidos de concessão, foram criadas as Armações, que representavam a estrutura física e social necessárias para o desenvolvimento da atividade. A priori, era necessário que o mar fosse calmo, para que as embarcações pudessem navegar tranquilamente. Além disso, era fundamental que o local onde a Armação se instalasse fosse rica em madeira para a construção das embarcações e fosse abundante em água potável. A Armação, além de ser uma baía fechada, fica perto da Lagoa do Peri, o que satisfaz plenamente os recursos necessários. A importância da atividade na época se dava devido à necessidade do óleo da baleia que servia como combustível. Além disso, uma espécie de cimento era produzida com o osso da baleia entre outros produtos. A caça das baleias era uma atividade muito perigosa, por isso a comunidade se desenvolveu em torno da capela de Santana, que proporcionava aconchego espiritual para os pescadores da época. Além disso, há sítios arqueológicos na praia da Enseada (Ilha do Campeche) referentes às casas de tanques (que era onde armazenavam o óleo da baleia que ficava decantando). Além disso, é comum à estrutura da Caça das Baleias, o trapiche, o engenho de azeite (oficina do açougue, onde cortavam o toicinho da baleia e a oficina de fornalha, onde fundiam a gordura em óleo), o armazém (onde ficavam os produtos destinados ao comércio), a Tanoaria, a Carpintaria (onde faziam as embarcações), a Casa Grande (casa do administrador do local e os funcionários mais altos), a Casa dos Feitores, as Campanhas (a moradia provisória dos pescadores baleeiros), as Senzalas e o Hospital. Já na Lagoa do Peri ficava o “Cítio” da Fazenda, área responsável por conter os recursos necessários para o desenvolvimento da atividade, ou seja, água potável, madeira (vegetação da lagoa também foi cortada). Além disso, plantações voltadas ao consumo do pessoal da Armação ficavam nesse local, além dos engenhos de farinha e de açúcar. **[Entrevistas com a arquiteta e imagens de arquivos da época da caça, imagens igreja Santa, sítios arqueológicos na praia. Imagens de benção das embarcações]**

Com o declínio da baleação no final do século XIX, os pescadores da Armação passaram a utilizar a ilha para a proteção em dias de tormenta. Ficavam grandes períodos de dias na ilha e com o tempo, acabaram ocupando o local. Devido ao declínio de uma atividade econômica outrora próspera e com a cultura da pesca desvalorizada, a comunidade da Armação estava às margens da sociedade. No entanto, na década de 40, a Associação de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães conseguiu uma autorização judicial para utilizar o local. O cenário que encontramos hoje teve seu início nessa época, pois além dos conflitos entre as associações, foram introduzidas diversas espécies de plantas exóticas e ornamentais para consumo humano, as galinha de angola, além de um belo par de quatis que iria originar muitos problemas futuramente. **[Entrevista com pescador e Couto explicando sua história na ilha. Historiadora ou IPHAN]**

A atividade turística começou a crescer a partir dos anos 80 e 90. Percebendo o interesse cada vez maior de turistas querendo conhecer a ilha, os pescadores e alguns associados da Couto começaram a realizar o transporte. No início, a atividade era totalmente informal, acampamentos eram permitidos e a ilha era totalmente livre para quem quisesse ir e vir, bastava ter dinheiro para pagar. No entanto, a procura só foi aumentando. Levando em conta o modelo de turismo predominante no Brasil, o turismo que se desenvolveu na Ilha do Campeche foi o de sol e mar. Conhecida por suas águas cristalinas, a ilha passou a ser chamada de Caribe Brasileiro. Esse tipo de turismo tem como foco a satisfação total do desejo dos turistas por praia e lazer. Em um primeiro

momento essa atividade parecia benéfica para ambas as partes, pois tanto os turistas eram satisfeitos em suas necessidades (de lazer, conexão com a natureza, relaxamento, conexão espiritual e cultural com o patrimônio da ilha), quanto os pescadores poderiam tirar uma grana e sair da situação de pobreza que a comunidade se encontrava. Uma nova forma de obter fonte de renda auxiliaria as suas famílias e o crescimento da comunidade. Apesar de gerar lucro para os agentes da comunidade, não há interesse nos aspectos culturais presentes nela. A comunidade está ali apenas para servir e satisfazer o desejo dos turistas. Além disso, como o foco está nos turistas, não há grande preocupação na conservação do local, abrindo espaço para a instalação de diversos problemas ambientais e a degradação do patrimônio. **[Entrevista com Turismóloga e pescador relatando mudança após início atividade turística + imagens da praia cheia e mar azul]**

## Ato II

**[Sequência de transição]** Ideia de paz e tranquilidade da manhã. **[As gaivotas ficam agrupadas. Às vezes têm uns urubus que ficam secando as asas no meio da praia. Som de mar, praia e pássaros bem demarcadas]**

Todas as manhãs ocorre uma reunião para discutir as atividades do dia-a-dia e dividir os monitores que irão recepcionar os turistas, fazendo trilhas terrestres e os que vão para as atividades de mergulho. **[Na tela: Reunião da manhã]**

**[Monitor vestindo a malha de mergulho]** Os mergulhadores escolhidos fazem o monitoramento para ver as condições da água, a temperatura e a visibilidade. Às vezes a água está com 2 metros de visibilidade e outros dias, 15 metros. A constante metamorfose da natureza deixa escapar vestígios de que vivemos em um organismo tão vivo quanto nós. É magnífico. Tão consciente quanto a gente. **[Na tela: Slows da natureza, animais pequenos e detalhes]** A vida marinha na ilha do Campeche é muito rica com diversas espécies de peixes coloridos, rochas e algas marinhas. As áreas laterais são protegidas e a pesca não é permitida para conservar a riqueza natural. Apresentação dos ecossistemas marinhos e da importância de preservar. Pescadores e monitores falando sobre a vida marinha da ilha do Campeche e do amor pelo mar. **[Entrevistas pescador e monitores]**

Aqui é o momento de falar sobre a vida de um pescador artesanal, como entrou para a atividade. **[Entrevista com pescadores artesanais e planos de tal prática. Cozinhando um peixe e explicando sobre o lixo encontrado dentro e perca de biodiversidade]**

**[Transição com planos de lixo na praia]** Uma atividade muito importante realizada pelos monitores é recolher o lixo deixado pelos turistas no dia anterior e o que chega pelas correntes marítimas vindo de outras praias. Uns dias tem mais lixo e em outros menos, depende da configuração da praia, se a areia está mais seca ou mais molhada, se o mar estava mais agitado ou mais calmo. Se tem uma coisa que aprendemos trabalhado na praia é que o ambiente muda todos os dias, são os ciclos da natureza. Os principais tipos de lixo que encontramos são bitucas de cigarro, canudos e copos plásticos e pedaços de cordas de nylon provenientes da pesca. **[Na tela: letreiro explicando a troca do termo lixo por resíduo, informações de lixo marinho. Planos de lixo na praia. Planos de monitores recolhendo o lixo. Fazer comentário emocional sobre lixo]**

## Ato II.I

**[Entrevista Pedrão, Lucas, Andy e Cíntia]** Foi nesse cenário de brigas e discussões que o IPHAN chegou para providenciar uma forma eficaz de conservação do

patrimônio Ilha do Campeche. A proposta era que a comunidade fosse participante ativa da atividade turística, realizando o seu trabalho com o fim de continuar obtendo o lucro sem deixar de cuidar do patrimônio que lhe pertencia. Como vimos, a falta de diálogo entre as associações e a atividade turística realizada de forma desordenada causou prejuízos diversos para o patrimônio. Além disso, o IPHAN sempre teve como objetivo a valorização da cultura da pesca artesanal, que só não foi tombada como patrimônio imaterial, pois não lhes foi apresentado um projeto da comunidade com tal finalidade. Então, no ano 2000 a Ilha do Campeche foi tombada como patrimônio paisagístico e arqueológico. O cenário encontrado era de medo e desconfiança. Afinal havia um histórico de embates entre as duas associações que utilizavam a ilha; eles tinham traumas, medos de perder ainda mais. O cenário político era desfavorável, pouco tempo antes, em 1991, houvera um saqueamento das poupanças por parte do governo. Não era de se surpreender que eles olhassem um órgão governamental com tanto receio. No início as pessoas só queriam se proteger e por isso, a comunicação era quase impossível. Ainda assim, algumas medidas de gestão foram tomadas para que a situação encontrada começasse a ser solucionada. Com a ajuda de uma equipe de monitores formada para trabalhar naquele ambiente e auxiliar no meio de campo feito com as associações. **[Na tela: Associações trabalhando/entrevistado]**

Quando o IPHAN começou a atuar na ilha, esse meio de campo foi difícil de fazer. As associações estavam vivendo rotineiramente, e um bando de monitores do IPHAN começa a frequentar a ilha diariamente. Os grupos iniciais eram compostos principalmente por monitores da comunidade da Armação do Pântano do sul. Isso abriu brecha para o início do diálogo, porque mesmo que fossem olhados com cara torta, esses monitores conseguiam estabelecer uma comunicação com as associações. Eles fizeram um trabalho essencial de pouco a pouco levar consciência sobre a necessidade de cuidado com o lixo. Em conversas cotidianas após o expediente, as conversas aconteciam e de pouquinho em pouquinho a sementinha da conservação foi germinando. **[Entrevista com o Lucas, Andy e Cíntia], [Na tela: imagens dos pescadores e monitores].**

### **Transição**

Explicação do trabalho dos monitores. Em dias de grande movimento, ficamos das 9h da manhã até a uma da tarde em sol a pino, em função deles. A maioria costuma ser receptiva e interessada. (*pausa irônica*) Claro, sempre têm os que trazem seu cooler de cerveja, suas caixinhas de som e só querem comer seu sanduíche, lagartando no sol do meio dia. Logo que chegam, são recepcionados por nós. Explicamos que a Ilha do Campeche é um patrimônio tombado pelo IPHAN e informamos sobre as restrições e responsabilidades que qualquer pessoa que põe os pés na ilha deve ter. Como estamos em um ambiente protegido, devemos ter em mente que somos agentes ativos na proteção do bem. Na verdade, a maioria dos turistas não sabem disso, reduzem a ilha a imagem de Caribe Brasileiro. É triste ver um local que guarda uma história de gerações e que abriga riquezas naturais tão diversas ser vendida de forma tão fútil e superficial. É importante que valorizemos esse contato com a natureza, ainda mais em um ambiente tão precioso. **[Transição: praia lotada com música agitada e depois som de natureza e barulho do mar, com imagens das plantas e das aves].**

Uma vez que se toma consciência disso, é inevitável se dar conta da perturbação causada pela música alta. É impossível ignorar que com tais atitudes obstruímos o som natural com o qual outras pessoas querem se conectar. É a famosa poluição sonora. Não tão famosa quanto a poluição do solo e das águas, causada pelo descarte inadequado de resíduos. Portanto, um trabalho muito importante que fazemos é tentar conscientizar os

turistas de que naturalmente somos potenciais contribuintes para a poluição. Na esperança de que levem este aprendizado para além da ilha. **[Entrevista: coleta de lixo na ilha]**

Até porque, né, muito mais fácil ensinar seres humanos do que quatis. Sim, eles são lindos, fofinhos, e todo mundo quer apertar e tirar foto. Os turistas amam. Eles são as celebridades da ilha! E beleza, eles até podem ser tudo isso e mais um pouco. Mas nem tudo que reluz é ouro! Primeiramente, é bom ter em mente como vieram parar aqui. **[Na tela: ilustração de silhueta *Nasua nasua* ilustrada e informações de espécie exótica]** Mais uma interferência irresponsável das mãos humanas. Introduzidos pela Couto de Magalhães a fim de serem caçados inicialmente, com o passar do tempo, se instalaram aqui e isso implicou em um enorme desequilíbrio ambiental. **[Entrevista Couto explicando quais animais haviam antes dos quatis aparecerem e suas implicações na ilha]**. Eles vêm sempre atrás de comida. Mas alimentá-los, além de torná-los mal-acostumados, faz que, por intermédio deles, agrave-se a poluição ambiental através das embalagens que espalham quando assaltam os turistas. E apesar de tudo, eles não deixam de ser vítimas de uma ação humana irresponsável. **[Cena do quati cometendo um furto]**.

Outro problema na ilha é quando chegam os transportes irregulares. Antes de a temporada começar, um Termo de Ajustamento de Conduta é assinado entre IPHAN, MPF Instituto Ilha do Campeche e Associações de Transportadores da Armação, do Campeche e da Barra da Lagoa. **[Ilustração folha contratual com tópicos e assinaturas]**. Esse termo define as associações que poderão fazer os transportes de turistas, assim como regras e limites de uso, tais como a capacidade de carga, que define o número máximo de turistas que podem visitar a ilha diariamente sem causar impactos ambientais. Além disso, o TAC define a criação de um Fundo de conservação que é pago por todas as associações de transportadores com o fim de garantir melhorias e ampliar as estruturas de acessibilidade encontradas na ilha e garantir a manutenção do que já existe. É por onde as melhorias que ocorrem no nosso patrimônio são viabilizadas. Se as estruturas fossem mais eficientes, poderia até ocorrer o aumento da capacidade de carga sem que assim houvesse problemas na conservação do patrimônio. O que dificulta a ação. No entanto, como a ilha é um destino turístico procurado por muitos, alguns empresários donos de embarcações começaram a transportar turistas por conta própria, mesmo sem permissão legal. Como a praia é pública, não se pode impedir que os turistas trazidos por eles desembarquem na ilha. Esse impedimento seria melhor executado caso houvesse a presença de órgãos fiscalizadores na ilha, pois eles teriam poder de polícia e poderiam multar atividades que atrapalhem o desenvolvimento de um turismo sustentável que valoriza o patrimônio. Entretanto, eles raramente aparecem. **[Entrevistas explicando – IPHAN e Instituto Ilha do Campeche e Lucas explicando formas de impedir dos monitores e o que eles sofrem com os transportes irregulares]**. O resultado disso é o aprofundamento dos problemas ambientais e sanitários da ilha, já que normalmente a capacidade de carga diária é ultrapassada. Além dessa brecha, as embarcações não contribuem para alimentar o fundo de conservação. Devido a questões contratuais, os turistas que chegam com essas embarcações ficam isentos da taxa de desembarque que seria utilizada para cobrir a manutenção das estruturas da ilha. **[Na tela: Ilha lotada. Imagens de embarcações irregulares, banheiros e monitores]**.

**[Sequências de transição]**

Ato II.II (plot point)

Aqui se fala sobre as técnicas da pesca artesanal, materiais utilizados, como faz o peixe. **[Na tela: imagens de pescador]**

Enquanto isso no mergulho, as pessoas estão limpando os equipamentos dos turistas. Eles são higienizados depois de cada uso e todas as manhãs é feita uma limpeza geral. Essa é a atividade que mais gera lucro para os monitores, apesar de uma boa parcela do lucro não servir para o pagamento deles. **[Entrevista Pedrão]**. Muitas pessoas que visitam a ilha se interessam em fazer mergulho, tanto é que muitas vezes os passeios lotam e as pessoas não conseguem realizar a atividade. Tudo é feito com cautela para garantir a segurança dos turistas. Primeiramente é passado um briefing para ensinar a galera a utilizar os equipamentos, mas para também avisar que aquele ambiente é um local de preservação e que se deve tomar cuidado para não causar impactos à vida marinha. **[Na tela: imagens do briefing/explicação]**. Diante disso, a atividade deve ser realizada em silêncio e com atenção para não encostar em nada, apenas observar. O mergulho é uma ótima experiência para colocar o turista em contato com um outro mundo, tão bonito e rico em biodiversidade, sem necessariamente estar tocando. **[Entrevista Sardinha, Dafne e Pedrão]**. Essa vivência é essencial para transmitir a noção da importância de se preservar um ecossistema que é tão rico e ao mesmo tempo tão frágil. No entanto, há muito lixo durante os passeios que os monitores vão recolhendo ao longo do trajeto. Especificamente no verão de 2019, percebeu-se uma perda brusca de biodiversidade nas trilhas subaquáticas depois que navios atuneiros começaram a atracar em frente a ilha. Novamente seria o papel dos órgãos fiscalizadores estar a par desse tipo de atividade para aplicar as devidas multas. Além disso, muitas embarcações soltam óleo o que acaba com a vida marinha e polui as águas da ilha. **[Na tela: Entrevistas e takes do mergulho, tanto dentro quanto fora d'água. Imagens de barcos atuneiros]**.

Outra atividade realizada com os turistas são as trilhas terrestres, cujo destino é o costão rochoso do outro lado da ilha. É lá que ficam as gravuras rupestres, patrimônio arqueológico da Ilha do Campeche. Esse é o grande momento de educação ambiental e cultural feito na ilha, pois é feita a sensibilização dos turistas sobre a importância de conhecer o patrimônio e de cuidar dele. Em um mundo onde as pessoas que cuidam do meio ambiente são chamadas de ecochatas, é importante ter esse momento em que os turistas estão abertos para receber novos conhecimentos e acolher novas visões de mundo. O visual ajuda a sensibilizar, é claro. A própria sensação de fazer uma (trilha) caminhada na natureza é novidade para alguns. A paisagem da ilha é composta de vestígios de ocupação de diferentes épocas. Lá encontram-se as oficinas líticas, onde os povos antigos produziam seus instrumentos de trabalho. **[Entrevista Dafne]** É curioso quando vemos uma casa de madeira atual como plano de fundo para elas. Em seguida, temos o momento de falar sobre o patrimônio paisagístico da Ilha do Campeche: a Mata Atlântica. Esse é o Bioma mais rico em biodiversidade do mundo. Chega a ter mais espécies de plantas por metro quadrado do que a Floresta Amazônica. Esse bioma ocupa toda a área litorânea do Brasil, indo de norte a sul. Infelizmente, apenas 7,5% desse Bioma se encontra preservado **[Na tela: Ilustração: mostrar mapa comparativo]** e esse número continua diminuindo devido ao desmatamento, a especulação imobiliária e etc. **[Entrevista falando o porquê preservar os ecossistemas e ameaças/Bibinho]**. O apogeu da trilha é chegando ao Letreiro. Esse é o sítio arqueológico com a maior concentração de gravuras rupestres do Brasil. É requisitado aos turistas que não toquem nas gravuras, para não acelerar o processo de deterioração. Elas já estão eternamente expostas a ação do sol, dos ventos e das chuvas, o que acaba apagando a obra ao longo de milhares de anos. Como as gravuras foram esculpidas à mão, a ciência não tem condições de saber quando elas foram feitas. No entanto, comparando com vestígios de outros povos que passaram pelo litoral de Santa Catarina, chegou-se em três povos que podem ter criado essas gravuras. Todos esses povos eram nativos do território brasileiro, pois estavam aqui antes de os

européus chegarem. O primeiro foram os Sambaquieiros, povo que vivia da caça e da pesca e que passou pelo litoral há mais ou menos oito mil anos. Além deles, houve os índios Itararés que passaram há mais ou menos 2 mil anos e os índios Guaranis, que estiveram aqui há 700 anos atrás. Foi o povo que bateu de frente contra os portugueses, quando esses invadiram o Brasil **[Na tela: Imagens das trilhas feitas com os Guaranis]**. Esse conhecimento ligado à história regional, com ênfase na época da caça das baleias, ajuda a traçar um paralelo da história humana e como as coisas foram mudando de geração em geração, com a criação de novas tecnologias e a modificação do espaço. Quando os portugueses chegaram ao Brasil, perceberam a grande quantidade de baleias francas no litoral. Essa é uma espécie de baleia mais dócil, que parte das ilhas Malvinas na Argentina e vem ao Brasil em busca de águas mais quentes para reproduzir. Logo, a atividade da baleação foi introduzida no Brasil. Essa foi a primeira grande indústria instaurada no sul da ilha de Florianópolis. Nas primeiras décadas, essa atividade foi realizada de forma tão intensa que culminou em um declínio prematuro. Eram caçadas em média 600 baleias por ano, resultando em uma drástica redução de sua população. O principal produto obtido com a caça era o óleo da baleia, o qual era utilizado como combustível para a iluminação pública. Nesse processo, o toucinho, ou a gordura da baleia, era retirado e fervido para ser transformado em óleo. Tanto a construção de embarcações quanto a necessidade de lenha para a produção de óleo exigiu que uma grande quantidade de madeira fosse cortada. **[Entrevista explicando a atividade/historiadora. Imagens natureza e, talvez, fotos antigas exemplificativas]** Foi nessa época que ocorreu o desflorestamento de boa parte da vegetação da Ilha do Campeche, assim como da vegetação da Lagoa do Peri. Posteriormente, foi mais uma vez cortada para a agricultura. Quando estão imersos na mata que atualmente se encontra preservada, muitos turistas nem imaginam que a sombra daquelas árvores nem sempre estiveram aí para suavizar a temperatura escaldante do sol a pino. Por isso, o papel do educador é sensibilizar a consciência das pessoas, para que compreendam que as nossas ações interferem no equilíbrio da Terra. Há uma história que começou bem antes de pisarmos nesse mundo e ela continuará durante muitas gerações, se assim permitirmos. Somos apenas um ponto no universo e no tempo. Mas nossas ações enquanto coletivo valem, tanto para o bem quanto para o mal. O lixo e os nossos atos inconsequentes não afetam apenas o futuro, mas também o presente. É no presente que se constrói o futuro. **[Entrevista Guarani]**

#### **[Mudança tonal e de ritmo + flare/trilha]**

Ao fim da trilha, chega-se à figueira, árvore símbolo da cultura açoriana no sul do Brasil. Essa espécie marcou o elo entre a religiosidade e os pescadores nas guerras contra as baleias. A figueira é muito valorizada pela religião católica, pois é citada como uma árvore sagrada nas escrituras antigas. É devido às heranças açorianas e católicas que os manezinhos acreditam nas bruxas e suas travessuras. Alguns relatam que as figueiras não eram cortadas pois era a morada das bruxas. Mas para além do cristianismo, essa espécie une a crença de diversas culturas, sendo também valorizada pelos guaranis, que produzem chá de casca de figueira, acreditando nele encontrarem a força necessária para enfrentar as batalhas. Hoje em dia os indígenas se encontram em situação de total exclusão social, sofrem constantes ameaças a seus territórios e ataques políticos contra a demarcação de terras. Os indígenas são o povo que preservam as florestas no Brasil e não são reconhecidos por isso, ao contrário, são atacados pelo agronegócio que comanda o jogo político brasileiro. A grande maioria não possui recursos financeiros para sobreviver, quem diga para visitar a ilha do Campeche. **[Entrevista Dafne/pescador/historiadora local/ indígena]**

Uma reflexão sobre a forma como a ilha é vendida para os turistas, como é a publicidade que não retrata o bem patrimonial e ambiental presentes no local, atraindo turistas sem a menor consciência do valor cultural da ilha. Desvalorização da comunidade, da cultura brasileira e das riquezas ambientais para ser chamada de Caribe Brasileiro. **[Entrevista turismóloga, IPHAN]**

### Ato II.III

Bloco que mostra os cuidados que a Couto (banheiros químicos), e os pescadores têm com o meio ambiente para cuidar da ilha. Falaremos sobre mudanças para modos de utilizar a ilha de modo mais sustentável. Falar sobre os projetos sociais aprovados pela comunidade, com o Projeto Escola e a visita dos índios Guaranis. Lá, as crianças aprendem noções maiores de arqueologia e de cuidados com o meio ambiente que poderão levar para a vida toda. Qualquer escola que se interessar pode entrar em contato com o Instituto Ilha do Campeche, para se inscrever no projeto. O projeto visa modificar o padrão de turismo em massa que acontece no verão, para uma proposta de educação patrimonial e ambiental. **[Entrevistas Andy, Dafne, Couto e Pescador. Na tela: Imagens da casa nas campanhas, escola indo na ilha e passeio dos indígenas. Montagem lúdica e engraçadinha com entrevistas com as crianças falando sobre o que aprenderam na ilha].**

O que continua faltando é a fiscalização para que essas leis sejam respeitadas. No Brasil, temos um problema estrutural de falta de fiscalização por órgãos que possuem poder de polícia (aplicando multas), pois eles não querem se responsabilizar pelos problemas. Nenhuma medida acaba sendo tomada, tanto na Ilha do Campeche com os transportes irregulares quanto nas áreas de proteção ambiental, contra caça, pesca e corte de vegetação. A legislação existe, mas há uma grande defasagem na hora de aplicar e cumprir essas leis. Além disso, está acontecendo um estrondoso processo de sucateamento dos órgãos ambientais, carros de órgãos fiscalizadores sendo queimados, etc. Falar de atuais ameaças ao meio ambiente por parte do governo. Mostrar que classes mais baixas (indígenas e pescadores) também estão sendo atacados. **[Entrevista: Procuradora e Andy. Exemplo de algo irreversível que aconteceu a um patrimônio. Ilustração de jornais com notícias de ataques do governo Bolsonaro ao meio ambiente e à cultura]**

Apesar de todo o trabalho que fazem, os monitores dizem que são o elo fraco na Ilha do Campeche, pois sua vivência e experiências na ilha são ignoradas na hora da tomada de decisões, além de ficarem com uma parcela mínima dos lucros da ilha. O salário dos monitores é pago pela venda de trilhas terrestres e subaquáticas. O que acontece é que a venda de trilhas é proporcional ao número de turistas que visitam a ilha e fazem as trilhas. Quanto mais visitantes fazendo as trilhas, maior o salário dos monitores. Quanto menos turistas, menor o salário dos monitores. Os monitores não ganham nada para recepcionar os turistas e dar instruções de uso sustentável do patrimônio, no horário de sol a pique. Ainda assim, fazem de bom grado, já que esse trabalho é essencial e precisa ser feito. O fato de o número de turistas que fazem as trilhas influenciar o salário dos monitores, vai totalmente contra o trabalho de conservação feito por eles. Para ganhar mais, mais turistas devem fazer as trilhas causando, assim, um maior impacto ambiental no patrimônio. Há um limite estipulado de 200 pessoas por dia a fim de que as trilhas sejam usadas de modo sustentável. No entanto, é de conhecimento da equipe de monitores que o modo como vêm sendo exploradas tangenciam este limite, arriscando cada vez mais causar impactos negativos ao meio ambiente, principalmente nos períodos de chuvas. Portanto, percebe-se que os monitores são os principais agentes de cuidado com o meio ambiente, mas os que menos são reconhecidos, chegando a ganhar

menos de 70 reais por dia. Alguns tem que deixar o emprego, pois não tendo auxílio externo, não conseguem se sustentar, nem mesmo durante a temporada. Com isso, o trabalho de conservação vai se enfraquecendo, pois os monitores mais experientes, que entendem melhor sobre o funcionamento da ilha, suas necessidades e problemas, não ganham o suficiente para sobreviver durante o mês, levando em conta os gastos básicos que possuem. Os pescadores não querem aumentar a taxa que pagam pelo desembarque dos turistas. Além disso, os monitores muitas vezes sofrem ameaças dos transportadores irregulares, que manipulam os turistas alegando que somos uma “facção” que se apropriou do uso da ilha. Ou seja, alguns turistas já chegam com este pré-conceito sobre a integridade de nosso trabalho. (que sequer recebem para estar aí fazendo isso). **[Entrevista com Pedrão. Na tela: monitores e pescadores cumprindo seus deveres na ilha, diversas situações]**

Pescador falando sobre a falta de reconhecimento, como não se sentem ouvidos nas tomadas de decisões. E um histórico de exclusão e perda de espaços. **[Entrevista pescador].**

É importante que haja uma gestão externa eficiente e comprometida com o bem estar geral, que consiga olhar sobriamente visando o zelo com o patrimônio. Além disso, devemos sempre prezar pela transparência, pois a burocracia vem impedindo que os recursos do fundo de conservação sejam utilizados de forma efetiva para a solução de problemas. Portanto, a gestão deve ser feita prezando o que for melhor para a conservação ambiental e cultural da Ilha do Campeche; ouvindo as partes, mas sabendo que nem todos serão contemplados. **[Entrevista turismóloga, Andy e Cíntia falando sobre o papel dos órgãos gestores (IPHAN, MPF, etc) no turismo de base comunitária. Procuradora e Pescador falando o que poderia melhorar para que o dinheiro do fundo de conservação fosse melhor utilizado. Na tela: imagens de estruturas na ilha, plataformas, banheiros, plaquinhas].**

Retomar dificuldades iniciais do tombamento. Resistência dos grupos presentes na ilha. **[Entrevista Procuradora]** As soluções pros problemas da ilha chegam lentamente. Às vezes parece que as coisas não andam, mas de pouco em pouco, é possível ver o seu progresso. Para que ninguém se sobressaia e possa haver uma conversa onde os interesses estão em equilíbrio, todos terão que abrir mão de algo. As propostas apresentadas precisam ser analisadas visando a conservação da ilha, pois focar no que aconteceu e nas nossas mágoas, só faz gerar desconfiança, que se torna um entrave para andarmos para frente. **[Entrevista Cíntia, Aldori, Andy e Lucas, Couto]** Agora que a situação adquiriu uma certa estabilidade, chegou a hora de analisar o que se passou, definindo aquilo que convém conservar ou reformular o que diverge do objetivo da conservação. **[Imagens da Couto, dos pescadores e dos monitores trabalhando duro. Na tela: Imagens do lixo e dos quatis. Imagens do mar e das árvores. Depoimentos dos entrevistados falando sobre o quanto a amam a ilha, e o quanto faz bem para eles].**

**[Sequências de transição + início narração reflexiva metafórica]:**

Falar sobre historicamente a cultura e o meio ambiente estarem em último grau de prioridade. **[Entrevista]**

O turismo de sol e praia causa sinais de esgotamento no ambiente natural, pois se baseia em uma lógica de lucro. Além disso, o atendimento ao turista baseado nessa lógica, pede que a comunidade padronize seu comportamento, adequando os indivíduos a uma lógica de venda, deixando de lado, assim, o valor da comunidade. Caso uma publicidade mais consciente, que refletisse o valor cultural da ilha fosse

apresentada, danos seriam evitados, além de atrair um público mais interessado em conhecer o patrimônio cultural e ambiental, sem explorar os monitores e a comunidade. **[Entrevista com turismóloga falando sobre ciclos do turismo e Procuradora Ana Lúcia].**

### Ato III

**[Interferência de um narrador perguntando sobre qual seria a solução. Por meio de entrevista e ilustração, explicar o tripé da sustentabilidade - desenvolvimento social, econômico e ambiental - ligando com o contexto da ilha.]** Sustentabilidade é colocar o nosso patrimônio em primeiro lugar, valorizando as culturas que utilizam e promovem o turismo na ilha, sem deixar de pensar no lado econômico que garante o sustento da comunidade e a manutenção das estruturas presentes no local, que ajudam a conservar o meio ambiente. Não se pensar apenas em preservar (humanos separados do meio ambiente), mas sim em conservar (integrando humanos e natureza, humanos se adaptando a uma lógica de cuidado e respeito com o bem natural. A natureza não vai mudar, ela já é plena). - George Carlin - Saving the Planet **[Entrevista com Bibinho, Sardinha, Turismóloga e IPHAN]. [Na tela: imagens da natureza e da comunidade local].**

Ao longo de duas semanas do mês de maio de 2019, o IPHAN organizou um Workshop falando sobre o Patrimônio Cultural e o Turismo de Base Comunitária. Membros da maioria das associações atuantes na ilha apareceram. Por unanimidade, foi decidido que a prioridade seria a conservação da ilha. Com a proposta de refletir o valor do patrimônio, analisou-se propostas apresentadas pela comunidade, discutindo medidas que pudessem ser implementadas. No entanto, os pescadores da Armação não apareceram para a conversa, o que dificulta a tomada de providências que incluam seu ponto de vista. Ainda assim, o encontro gerou grande satisfação dos presentes que notaram que os assuntos poderiam ser dialogados e, assim, de forma conjunta, poderíamos caminhar rumo a solução dos problemas. Uma nova reunião foi marcada e a comunidade dos pescadores da Armação foi convidada a se juntar para dialogar e decidir os rumos da ilha, para um futuro de maior diálogo e resolução efetiva dos problemas. **[Cenas e falas do Workshop – Entrevista com o Lucas e a Carla do IPHAN].** Proposta de só os pescadores com vínculo histórico com a Ilha do Campeche fazendo o transporte. **[Entrevistas com pescador, Ana Lúcia Hartmann e Andy].**

### **[Sequência de transição]**

De pouco em pouco as coisas vão andando. No verão de 2019, o projeto de castração dos quatis começou a ser colocado em prática. Entre os agentes atuantes da ilha, concluiu-se que sim, os quatis precisam ser retirados do ambiente. Como não queremos realizar atos de crueldade e nem causar problemas ambientais secundários, ao introduzi-los de volta na Mata da Ilha de Floripa, decidiu-se que a melhor opção é a castração. Mesmo sendo um processo demorado e caro, sabemos que há recursos do Fundo de Conservação e todos os associados concordariam com o investimento. **[Entrevistas que falem sobre a castração. Na tela: imagens dos quatis].** Um outro projeto que tem dado o que falar é a possibilidade de a Ilha aderir ao movimento Plástico Livre. Diversas medidas teriam que ser tomadas pelos agentes para reduzir o plástico. O melhor seria começarmos o quanto antes e não esperar que a proporção dos danos atinja uma situação emergencial. É de crucial importância termos a informação da quantidade estrondosa de lixo que é produzida dentro da ilha para que isso tenha um impacto na mentalidade das pessoas e sirva de impulso para a solução do problema. Para o problema da produção de resíduos, poderíamos utilizar outras fontes de

materiais, encontradas na própria vegetação da Ilha do Campeche. **(Entrevista Bibinho. Na tela: Imagens de plantas potenciais. Imagens da produção de plaquinhas com a quantidade de lixo).**

**[Na tela: Ilustração jornal com notícias sobre a votação de volta da caça das baleias. Imagens de jornal sobre a Comissão da Baleia]**

Apesar de tentativas de revigorar a baleação após a segunda guerra mundial, a proposta não vingou e a última baleia caçada no litoral catarinense data em meados dos anos 70. Atualmente o litoral catarinense abriga a Área de Preservação Ambiental da Baleia Franca, o que impede legalmente a caça dos mamíferos. Além disso, a relação do povo catarinense com a baleia mudou com o surgimento do turismo e hoje Santa Catarina é o estado brasileiro que mais recebe a visita de baleias francas. Isso já foi suficiente para que houvesse uma proposta implementada pelo Japão de que a caça voltasse a ser permitida de forma sustentável. Neste país, a caça já é realizada com fins científicos e a carne também é comercializada. Atualmente, a gordura do animal não é mais útil, sendo que a caça seria permitida apenas para o comércio da carne para consumo humano. O que é incoerente em todas as esferas, pois hoje a baleia é muito mais benéfica viva do que morta. Felizmente, a proposta de caça foi rejeitada pela Comissão Internacional da Baleia e com isso o Japão se retirou da Comissão e continuou a exploração do animal em seu litoral, alegando que comer carne de baleia faz parte da cultura japonesa. **[Entrevista com pescador, Ana Lúcia, especialista em baleia, Andy e Turismóloga]**. Já a comunidade da Armação Museu da Baleia, que contaria a história da caça do animal. Seria interessante para a comunidade juntar isso ao turismo de observação das baleias no inverno – que é quando somos presenteados com a visita delas. O turismo de observação é uma atividade que vem crescendo todos os anos, sendo que em 2018 foi o ano que mais tivemos a presença de baleias francas no litoral catarinense. Uma opção muito interessante para as comunidades tradicionais seria realizar esse passeio, levando os turistas para avistá-las neste litoral tão abundante. Além de ter uma pegada mais ecológica, isso tiraria o caráter sazonal do turismo de sol e praia, já que isso interfere negativamente na vida da comunidade, que só tem renda fixa no verão, e impulsionaria o turismo de base comunitária no sul da ilha de Florianópolis. Isso caminha de mãos dadas com a proposta de se preservar os ambientes costeiros, onde a atividade de mergulho é realizada de forma extensiva, pois estamos em uma fase que o turismo realizado de forma sustentável é muito mais benéfico para as comunidades locais do que o consumo e a extração desses animais. Além disso, muitos turistas perguntam aos monitores se não fazemos fotografias deles. Essa atividade seria uma proposta muito interessante, que ajudaria os monitores a ter seu trabalho valorizado sem degradar o meio ambiente. Isso não significa que a pesca deva ser proibida, mas que se deve fazer um mapeamento dos locais onde há potencial para a atividade de mergulho e proibir a pesca nestes locais, como é o caso da ilha do Campeche. **[Entrevista Sardinha e Pedrão] [Na tela: Imagens monitores + mergulho]**

Apesar do cenário negativo que vivemos, com ataques à área cultural e ambiental no país, paralelamente a ameaças ao ambiente natural da Ilha do Campeche, por meio dos Transportes Irregulares e de interesses externos, não podemos negar os avanços que aconteceram nos últimos 20 anos do Programa de Visitação. Tantas coisas boas já foram feitas nessa ilha... Tantas histórias, tantas vivências, tantos aprendizados, tantos conhecimentos. Compartilhamos um território, um histórico. Além disso, estamos entendendo a importância de nos sentirmos parte do meio, para assim podermos preservar o meio ambiente. A grande riqueza desta ilha é a diversidade humana e por mais que num primeiro olhar enfrentar opiniões tão diferentes possa parecer um grande problema,

através do diálogo podemos nos unir pela diversidade. Na natureza há um grande equilíbrio formado por diferentes agentes, que com suas determinadas funções, diferentes um do outro, se completam e criam, naturalmente, um bom funcionamento desse organismo vivo que é a Terra. **[Entrevista Guarani, IPHAN e Pedrão; imagens de contemplação; grupos unidos; entrevistados sorrindo para a câmera].**